

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 O Globo

Class.: 111

Data: 13/07/83

Pg.: 1

Funai pede à DPF para apurar morte de maxacáli

BRASILIA (O GLOBO) — A Funai solicitou à Polícia Federal a abertura de inquérito para apurar o assassinato do índio Alcides Maxacáli, do Posto Indígena Pedrinho, em Minas Gerais, ocorrido na noite de domingo passado. O advogado da 11ª Delegacia Regional da Fundação em Governador Valadares (MG) está acompanhando a apuração do crime, cuja autoria até o momento é desconhecida.

O delegado de Teófilo Otoni, Márcio Bittencourt, enviou ontem para Maxacális, próximo à divisa com a Bahia, uma equipe para investigar assassinato do índio Alcides e o espancamento de sua mulher, Jovita.

O crime foi denunciado ao GLOBO pelo Vigário de Maxacális, padre Samir Gazel, que falou da revolta dos 500 índios das reservas de Pradinho e Agua Boa. Segundo o padre, o casal e outros índios foram abordados por dois vaqueiros e agredidos a golpes de facão.

O padre informou que as duas reservas são cercadas por grandes fazendas, algumas em terras que antes pertenciam à tribo e que os índios querem de volta.

Em Brasília, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) divulgou nota denunciando o assassinato do índio Alcides Maxacáli.

A informação foi transmitida ao secretariado nacional do Cimi por uma nota conjunta do Cimi-Regional leste, Comissão Justiça e Paz da diocese de Teófilo Otoni, paróquia São Sebastião, do município de Machacalis, e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bertópolis.

Segundo o relato do Cimi, Alcides, sua mulher Jovita e outros índios regressavam de uma viagem e estavam sentados na beira da estrada comendo quando foram interpelados por dois vaqueiros.

"Um deles jogou o cavalo contra os índios e, puxando o facão, desferiu um golpe contra Alcides, decepando-lhe a orelha esquerda. Acertou também uma cutilada no pescoço de Alcides e uma paulada em sua cabeça, que causou sua morte, às 2 horas de segunda-feira", diz a nota.

A entidade manifesta preocupação com a campanha que se faz na região para inocentar os vaqueiros.

AVIÃO SEQUESTRADO

A Comissão de Movimentos Sociais da Associação Brasileira de

Antropólogos divulgou ontem em Brasília documento em que os chefes das comunidades indígenas suiá, caiabi e juruna do Parque do Xingu relatam o episódio de apreensão do avião Cessna 182, pelos indígenas do Posto de Diauarum.

No documento, os "capitães" afirmam que o avião do engenheiro Roberto Correia Leal, apreendido desde o dia 2 de junho, será destruído caso a Funai não concorde em doá-lo à comunidade, pagando uma indenização ao proprietário. Eles se negam a devolver o avião, ao dono e dizem que não aceitarão nenhum objeto em troca.

Junto com o documento foi divulgada a transcrição de um trecho da fita gravada durante a reunião dos caiabis com o sertanista Cláudio Villas-Boas, quando foi tentar negociar a liberação da aeronave.

O trecho reproduz a intervenção da índia Terua Caiabi, mulher do chefe Cuiabano, que interrompeu, chorando, a reunião para explicar ao sertanista os motivos da ação dos índios:

"Pessoal pegou o avião, conforme você ensinou (...) Você ensinou o pessoal que se não fizerem isso o branco vai pegar mulher de vocês (dos índios). A gente está morrendo, está acabando. Só nós que estamos morrendo. E por isso que eles pegaram o avião. (...) E agora você esqueceu o que você falou e vem brigar com a gente. Você devia pensar que a gente está morrendo. (...) Foi meu parente que pegou avião. Ele viu que a gente está acabando. Que a gente já perdeu tudo. Avós, perdeu tudo, tudo, tudo (choro intenso). E por isso que ele enxergou que a gente devia fazer isso. Enquanto a gente não acaba, vamos brigar com o branco, defender nós. (...) Você devia falar pro seu pessoal que você ensinou assim (...)."

Segundo o relato das lideranças, o avião pousou em Dianarum porque estava perdido. Dizem ainda que desde o início decidiram que não haveria acordo com a Funai, e observam que isto serve para branco como uma aula de respeito.

Segundo os "capitães" muitos funcionários da Funai só se enriquecem com o suor dos índios e citam nominalmente os irmãos Villas-Boas, o Coronel Ivan Zanoni Hausen, (já demitido do cargo de Diretor da Assessoria Geral de Estudos e Pesquisas da Funai).